



Sexto Sentido

Exercício Teatral escrito a quatro mãos sobre Almeida Garrett

Direcção Cénica | **Fernando Mora Ramos e Nuno Cardoso**
Luz | **Jorge Costa**

Pescador da Barca B.
de Regina Guimarães

Interpretação | **Ângela Marques**
Rosa Quiroga
Rute Pimenta

Ostras Frescas
de Abel Neves

Interpretação | **Ângela Marques**
João Cardoso
Rute Pimenta

Como nas histórias para crianças
de Francisco Duarte Mangas

Interpretação | **João Cardoso**
João Pedro Vaz
Paulo Moura Lopes

O Sonho de Mandrake
de António Cabrita

Interpretação | **João Cardoso**
João Pedro Vaz
Paulo Moura Lopes
Rosa Quiroga

Direcção de Cena | **Paulo Brandão**
Adereços | **Elisabete Leão** (Coordenação), **Dora Pereira**,
Isabel Pereira
Guarda-roupa | **Claudia Ribeiro** (Coordenação), **Júlio Alves**

Equipa técnica do Balleteatro
Director técnico | **Davide da Costa**
Técnico de Som e de Luz (Operador de som) | **Miguel Teixeira**
Assistente de Luz e Som (Operador de luz) | **Zé Nuno**
Assistente de palco | **António Pires**
Iniciativa Dramat | **TNSJ***
Colaboração Assédio - Associação de Ideias Obscuras

* Arca d'Água - projecto em colaboração com o Balleteatro.

Dos cinco sentidos em diante

João Pedro Vaz

*-Olha, alguma vez te contei como me afeirotei às ilusões do palco?
-Conta! Ao menos o tempo passa sem nos fatigar...*

Ao sermos chamados a colaborar com o Centro de Dramaturgias Contemporâneas do TNSJ neste *Sexto Sentido*, partilhámos de uma ficção: rememorar ou recomemorar a figura tão bicentenária como desconcertante de João Baptista da Silva Leitão, aliás Almeida Garrett. E assim, por associação ou acréscimo, rememorar ou recomemorar a memória e a comemoração em si, com o epitáfio, as palavras a propósito, a marcha solene e/ou fúnebre, o desvelar do monumento - *Não ouvem a banda?* Coisas pelas quais tem de passar o dramaturgo célebre e morto. Pró-formas. E a isto uma outra imagem associada: o epicurista, o homem sensorial. Portanto tacto, olfacto, visão, paladar, aroma; cinco sentidos para começar

Por ordem de entrada em cena, Regina Guimarães (*Pescador da Barca B.*) Abel Neves (*Ostras Frescas*) Francisco Duarte Mangas (*Como nas Histórias para Crianças*) e António Cabrita (*O Sonho de Mandrake*), espalharam quatro rastilhos de trabalho muito diferentes à volta da ficção inicial. Do retábulo de cansaço de onde Madalena e Maria se projectam numa actriz mascarada, às duas filhinhas de papá falecido e mal compreendido, à estátua ao cimo da avenida debaixo das malditas pombas, à frustração partilhada de duas figuras célebres e injustiçadas, eram inúmeros os estilhaços lançados.

Depois, Fernando Mora Ramos e Nuno Cardoso detonaram uma segunda ficção que articulava ou encadeava os quadros/cenas/textos num espaço aprazível de todas as construções: o sub-palco, lugar pejado de objectos com passado e memória feita, e de onde se podia tirar quase tudo - *A minha obra... tão só uma lista de compatibilidades cénicas entre as várias espécies*. Mas detonaram mais do que um simples espaço de instalação: foram descobrindo sentidos nas palavras para as coisas e/ou nas coisas para as palavras. Um método de trabalho tem sempre a possibilidade do seu contrário: não há bela ou senão sem vice-versa.

Isto com os actores. Que teriam de ser, portanto, o lugar último de explosão (e não implosão), os corpos onde a diversidade realmente se formasse, ganhasse visibilidade, acção, energia, gozo. Caso contrário de que teria servido tudo?

Duas semanas de trabalho espaçadas por um ms. Ms e meio depois, vinte dias de ensaios para quatro apresentações de um exercício teatral que se pretendia rico de opções de abertura mais do que fechamento e que nos/vos propiciasse uma reflexão profunda sobre as questões inicialmente lançadas ao desafio. Questões discutidas a fundo porque a não-formalização da proposta cénica o permitia.

E ocorre-nos, durante o trabalho, de que muitas vezes a necessidade de produzir se sobrepõe quase quotidianamente à finalização dos

raciocínios (e como há-de ser diferente? como se podem articular reais mudanças de filosofia de trabalho com a programação?). Mas também de que é muito difícil vencer o fosso entre as efabulações poético-especulativas sobre um texto ou uma imagem, e as verdadeiras e concretas investidas na sua comunicação mais ou menos directa (como se faz perceber o que sem esforço se articulou? não se poderão logo contaminar as reflexões das metodologias concretas? - e aqui concreto não significa fechar janelas multi-dimensionais mas simplesmente clarificá-las). De que sem capacidade de resposta criativa e performativa nunca se há-de perceber o que pode ser *certo* (e como se mudam constantemente os modos de dizer para alterar os modos de escrever ou pensar? ao sabor dos dias?) De que se calhar exercício teatral e ensaio são a mesma palavra. - *Bonita imagem! Mas o senhor fala?*

E, de repente, seis actores, com dois encenadores, põem em exercício (ou será ensaio) o uso pleno das suas capacidades sensoriais e, dos quatro textos em diante, dos cinco sentidos em diante, avançam para a mais estranha sensação de que pode ser assim. Alguém diz a certa altura que há qualquer coisa aqui de português ou de reflexão sobre o Portugal contemporâneo, que os textos (ou serão os textos assim feitos) espelham algo das nossas frustrações e identidades. E quando entra a bandeira nacional em cena paira uma certa melancolia. - *Imaginará, um país sempre pronto a descrever de si própria.*